

LEFKANDI E A RECUPERAÇÃO GREGA NO PERÍODO PÓS-PALACIANO

LEFKANDI AND THE GREEK RECOVERY IN THE POST-PALATIAL PERIOD

Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin²⁶

RESUMO

No presente artigo, discutimos o desenvolvimento de Lefkandi, um assentamento na margem sul da ilha da Eubeia, desde a Idade do Bronze até o início do Período Arcaico, enfatizando os seus desenvolvimentos durante o período Pós-Palaciano, marcado por uma recuperação rápida após as dificuldades pelas quais a Grécia passou no fim da Idade do Bronze.

Palavras-chave: Lefkandi. Grécia. Período Micênico. Período Pós-palaciano. Recuperação.

ABSTRACT

In this article we discuss the development of Lefkandi, a settlement on the South border of the island of Euboea from the Bronze Age to the Early Archaic Age, emphasizing its developments during the post-palatial period, marked by a very quick recovery after the troubles that Greece experienced at the end of the Bronze age.

Keywords: Lefkandi. Greece. Mycenaean period. Post-palatial period. Recovery.

²⁶ Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, além de mestre em História e Espaços pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente, é doutorando em Arqueologia na Universidade de São Paulo. Esta pesquisa contou com o apoio da CAPES.

APRESENTAÇÃO

No presente artigo, discutiremos a trajetória de Lefkandi, uma aldeia no sul da Eubeia, a partir do seu registro arqueológico. Partindo da sua fundação, passaremos rapidamente pelo Período Micênico e então voltaremos a nossa atenção para o Período Pós-palaciano, no início da Idade do Ferro, quando o local se tornou pioneiro na conectividade com outras comunidades não só do Egeu, mas do Mediterrâneo como um todo.

Na Grécia continental, ao longo da Idade do Bronze, o registro arqueológico indica um contínuo aumento da complexidade social, algo que pode ser observado, por exemplo, nos sepultamentos de Micenas (comunidade que acabou fornecendo o nome moderno ao período histórico, dito “Micênico”), que sugerem uma estratificação social crescente. Esse processo ensejou um processo de centralização crescente, que resultou no estabelecimento de “palácios”, no qual uma autoridade central, ocupando uma posição fortificada geralmente situada num ponto elevado, controlava e explorava as áreas adjacentes. Ainda que a autoridade central pareça ter organizado a maior parte da produção e distribuição de mercadorias, as pesquisas têm avançado no sentido de demonstrar que os palácios não mantinham controle de toda a atividade econômica das áreas sob a sua influência direta porquanto bens seriam produzidos e distribuídos à revelia da autoridade central. A assim chamada “Grécia micênica” parece, também, ter sido parte de uma intrincada rede de comércio e trocas culturais, não apenas com o restante do Egeu, mas com as comunidades do entorno do Mediterrâneo como um todo (VAN VIJNGAARDEN, 2002, p. i-iii).

O FIM DA IDADE DO BRONZE

O registro arqueológico indica que, por volta de 1025 antes da Era Comum (doravante, AEC), o bronze, material até então muito comum, tornou-se raro na Grécia central, sendo substituído por um metal até então raro, o ferro (MORRIS, 1992, p. 502-503). Isso marca o início da chamada “Idade do Ferro” na Grécia, que, grosso modo, coincide com o fim do Período Micênico ou Palaciano. O sistema de palácios entrou em uma profunda crise por volta do ano 1200 AEC e, ainda que alguns dos sítios tenham

tido alguma recuperação parcial durante algum tempo (OSBORNE, 2009, p. 35-36), após algumas gerações, o colapso completou-se, os palácios em ruínas foram abandonados e parecem ter acontecido, de forma mais ou menos generalizada, processos de redução populacional acompanhados de um certo grau de dispersão, o que inclui a partida de muitos habitantes da Grécia continental para as ilhas do Egeu e para as costas oeste e sul da Anatólia (GATES, 2011, p. 206-208). Como era de se esperar, as atividades econômicas sofreram reveses proporcionais à crise generalizada.

Apesar do colapso dos palácios do período micênico, aos poucos emergiu, em áreas específicas, um novo modelo de organização social (DEGER-JALKOTZY; LEMOS, 2006, p. 1-3; FINKELBERG, 2005, p. 161-165). Logo após o colapso, embora seja possível encontrar continuidades e descontinuidades, a cultura na maior parte da Grécia continuou a ser micênica, enquanto em Creta, ela continuou sendo uma mistura particular entre os elementos micênicos e os elementos minoicos que os antecederam (DICKINSON, 2006, p. 116-117). Nos séculos seguintes ao colapso dos palácios, nas comunidades que continuaram a existir, foi sendo forjado um novo tipo de sociedade, cujas instituições pouco deviam àquelas do Período Micênico (FINLEY, 1970, p. 71-72). Uma das mudanças notáveis que se operou foi a substituição da exogamia pela endogamia, ou seja, as mulheres passaram a desposar pretendentes da sua própria comunidade (FINKELBERG, 2005, p. 163-165), o que talvez esteja na origem do paroquialismo que terá um papel tão grande quando do surgimento das pólis, na transição para o período Arcaico.

APRESENTANDO LEFKANDI

Um dos primeiros locais a revelar sinais claros de recuperação durante o período pós-palaciano foi Lefkandi (KRAMER-HAJOS, 2020, p. 77), uma aldeia costeira no litoral sul da Eubeia, a grande ilha (3684 quilômetros quadrados), localizada ao norte da Ática. Para a nossa sorte, na segunda metade do século passado, as escavações ampliaram o nosso conhecimento sobre o mundo micênico para além dos palácios, revelando cada vez mais das suas áreas rurais e pequenas aldeias (SACHETT; POPHAM, 1972, p. 8-10).



Imagem 1 (acima): mapa do centro-sul da Eubeia, do norte da Ática e do leste da Beócia centrado em Lefkandi (adaptado de SACHETT; POPHAM, 1972, p. 8).

A Eubeia foi ocupada desde tempos pré-históricos. No caso de Lefkandi, o mais antigo assentamento, encontrado logo acima do nível da rocha, revelou cacos de cerâmica semelhantes aos descobertos em alguns dos níveis mais antigos de Troia (a partir de Troia II). Isso situa o início da ocupação de Lefkandi ainda no terceiro milênio AEC. Logo depois, Lefkandi parece ter começado a associar-se às comunidades da Grécia continental, especialmente do Peloponeso.

Para essa época, é possível demonstrar o contato entre a sua população e a cidade de Lerna, próxima a Argos, no Peloponeso. Durante um período de cerca de meio milênio que foi até aproximadamente 1600 AEC, o assentamento parece ter se desenvolvido de forma mais ou menos contínua. Foi nesse momento, a partir do início do período Heládico Tardio/Superior, que o sítio passou a revelar elementos associados ao que hoje chamamos de “civilização micênica”, ao qual estava integrado como uma próspera aldeia (e não como um “palácio”), assim permanecendo por cerca de quatro séculos. Por volta do ano 1200 AEC, todavia, não é possível se determinar se a comunidade como um todo foi destruída ou se, como Atenas, situada a apenas cerca de setenta quilômetros, sobreviveu. Não obstante, é certo que, ao longo dos cento e cinquenta anos seguintes, o sítio foi ocupado mais intensamente do que antes, o que significa que talvez haja recebido refugiados de outras áreas do mundo micênico após a

destruição dos palácios. Quando muitas áreas da Grécia estavam despovoadas, Lefkandi era um centro ativo, mantendo uma posição de grande importância até o século IX (SACHETT; POPHAM, 1972, p. 11-13; COLDSTREAM, 2003, p. 16-18).

A fértil planície Lelantina, situada imediatamente ao norte de Lefkandi, contém uma fina argila amarela que, a partir do século XII, foi utilizada pelos habitantes da localidade para a produção de tijolos secos ao sol, além de pavimentos, fornos e, é claro, cerâmica (estilo Heládico Tardio 3C). Em Lefkandi, foi encontrada uma sequência de três edifícios, em camadas sucessivas, datando do fim do Período Micênico. A cerâmica produzida no século XII era bastante simples, mas próxima o bastante em estilo daquela produzida em Micenas, que à época agonizava, e de Atenas, para que a conexão entre esses três locais seja evidente. Para esse mesmo período, foi encontrado um vaso de tipo vilanoviano (produzido na península itálica), o que sugere a existência de comércio com o Ocidente (SACHETT; POPHAM, 1972, p. 13-14). De fato, os lefkandianos, assim como os atenienses, parecem ter sido líderes no restabelecimento do comércio, empreendendo trocas com as terras próximas ao Mediterrâneo oriental, especialmente a região do Levante (COLDSTREAM, 2003, p. xiv-xv).

O PERÍODO PÓS-PALACIANO

Embora não se possa saber, exatamente, o que se passou em Lefkandi quando os palácios de outras partes da Grécia estavam sendo destruídos, é certo que um complexo de edifícios da localidade foi destruído por fogo por volta dessa época e reconstruído imediatamente sobre os entulhos do edifício anterior, pois a comunidade parece ter prosperado durante a crise generalizada. As edificações dessa segunda fase foram utilizadas ao longo do século XII e reparadas algumas vezes. Nesse mesmo período, os habitantes por vezes enterraram os seus mortos em covas escavadas dentro dos edifícios. Os corpos não eram acompanhados de objetos de luxo, apenas cobertos por cacos de *pithoi* (grandes vasos de armazenamento) e então o pavimento de argila era refeito logo acima.

Duas ou três gerações mais tarde, a população de Lefkandi passou a utilizar também um cemitério externo, adjacente ao complexo de edifícios, contendo tumbas

retangulares escavadas no solo sustentadas por paredes de pedra (*cist graves*). O cemitério parece ter tido a sua maior extensão por volta do ano 900 AEC. Os cemitérios parecem cobrir o período entre 1050 e 825, sendo que o número total de enterramentos já publicados era de 302 em 2009.²⁷

No século X AEC, Lefkandi era ainda mais próspera do que nos séculos anteriores, exercendo um papel de liderança no comércio com outras comunidades do Egeu e também com o Levante. Nessa mesma época, era evidente a conexão comercial entre Lefkandi e Atenas, atestada pela presença de cerâmica ática nos sítios daquela (COLDSTREAM, 2003, p. 33-34). Essa conexão comercial não irá significar, todavia, uma fusão cultural, porquanto a cerâmica produzida em Lefkandi permaneceu claramente distinta da cerâmica ática.

Um dos motivos para a grande fama de Lefkandi, ao menos nos círculos arqueológicos, é a construção do primeiro edifício monumental da Idade do Ferro na Grécia, erigido por volta do ano 950 AEC. Muitos supõem que se tratasse de um “*heroon*”, um edifício dedicado a um “herói” (um indivíduo geralmente associado ao estabelecimento da comunidade), mas o fato é que, devido à falta de inscrições, tal identificação permanece especulativa, pois o edifício pode ter sido erigido para outras funções (DE WAELE, 1998, p. 379-380).

O edifício era dividido em cinco segmentos. De leste a oeste: uma varanda frontal, com extensões para o norte e para o sul; a câmara oriental; a câmara central; a câmara ocidental, dividida em duas unidades menores separadas por um corredor; e, por fim, uma abside. A leste do edifício, defronte à varanda, foi estabelecido o cemitério.

No centro do edifício, na cova sul, jaziam os restos mortais de um homem cremado (a masculinidade é presumida), dentro de uma ânfora de bronze, além de uma mulher inumada. O corpo cremado era acompanhado por armas e o inumado por joias, o que representa uma grande mudança em relação aos enterramentos ocorridos nos séculos XII e XI na mesma comunidade, quando os cadáveres não eram acompanhados por objetos de valor. Também foram encontrados, na cova norte, os esqueletos de quatro cavalos, que não eram acompanhados por quaisquer objetos além de duas

²⁷ Disponível em: <<http://lefkandi.classics.ox.ac.uk/>> e <<https://lefkandi.classics.ox.ac.uk/cemeteries.html>>, ambos acessados em 4 de novembro de 2024.

mordeduras de ferro (POPHAM et al., 1993, p. 19-22). É possível que ambas as covas tivessem sido cobertas com placas de madeira, das quais restam apenas fragmentos.

O corpo cremado não permite maiores análises. Em cada lado da cabeça da mulher inumada, foram encontrados dois pequenos cilindros folhados a ouro, ambos em mau estado, que talvez fossem brincos. Ao redor do seu pescoço, havia um colar de contas de ouro com um pingente central do mesmo material, em forma de disco. Dois grandes discos de ouro com um design em espiral foram depositados sobre os seus seios e uma chapa de ouro, em formato de Lua, foi colocada entre eles, ainda que um pouco abaixo. Nas suas mãos, havia dois anéis, um de ouro e outro de electro (uma liga natural de ouro e prata). Sobre a sua coxa esquerda, foram encontrados nove alfinetes, dois folhados a ferro com cabeças de ouro, cinco de bronze, além de dois de ferro com cabeças de osso. Além dessas joias, uma adaga de ferro com cabo de marfim foi colocada ao lado da sua cabeça, enquanto uma espécie de empunhadura de ferro foi encontrada próximo ao seu ombro direito.

A Grécia central não contava com minas de ouro, de modo que o material que acompanhava o cadáver da mulher inumada necessariamente veio de outras regiões, possivelmente no norte do Egeu ou mesmo no Mediterrâneo oriental.

As covas no cemitério adjacente ao suposto *heroon* continham também objetos de luxo, como ouro, marfim e âmbar, assim como colares de contas de vidro ou faiança além de cerâmica ricamente decorada.²⁸ Os objetos de valor encontrados junto aos cadáveres tanto do *heroon* como do cemitério adjacente sugerem uma tentativa de demonstração de status social, ainda que o comércio desse período não possa ser explicado da partir de uma premissa tão simples. Esse era um mundo cada vez mais interconectado, no qual a existência do comércio de longa distância provavelmente foi se tornando parte da dinâmica das relações sociais. Dito de outro modo, à medida que os habitantes iam entrando em contato com novas mercadorias, elas iam se tornando necessárias para uma performance social considerada adequada (FOXHALL, 1998, p. 297-298).

²⁸Vide, por exemplo, a cova identificada pelo número 15 em: PAPADOPOULOS; LORD SMITHSON; et al. (2017, p. 171-174).

Lefkandi foi, assim, um caso especial de recuperação grega no início da Idade do Ferro e provavelmente antecipou as características do tipo de comunidade que apareceria com frequência nos poemas homéricos, compostos no século VIII AEC, no qual uma figura importante, um *basileus* (termo normalmente traduzido por “rei”), cultuado por gerações, liderava uma pequena população que mantinha relações comerciais com comunidades gregas e não-gregas (RAAFLAUB, 1998, p. 173). Nessas comunidades, o status social devia estar associado à demonstração de riqueza através do uso e da exibição de objetos de luxo. Por conta do ouro enterrado no *heroon* do século X, a localidade também antecipava o que estava por vir. O metal não era encontrado na Grécia propriamente dita e precisava ser importado. Não obstante, nos poemas homéricos, ele foi mencionado frequentemente (ECONOMOPOULOS, 1996, p. 109), o que indica um mundo interconectado no qual as comunidades gregas foram aos poucos tomando parte, um processo no qual Lefkandi teve pioneirismo.

A partir do fim do século IX AEC, a aldeia parece haver entrado em decadência no momento que duas outras localidades da ilha, Cálcis e Erétria, ganhavam importância. Essas duas, comunidades, já havendo realizados os seus respectivos sinoecismos e se constituído em pólis, travariam uma longa e importante guerra pelo controle da planície Lelantina, no centro da Eubéia, entre os séculos VIII e VII AEC, evento muito mencionado pelas fontes gregas antigas. Já se especulou que Lefkandi pudesse ser uma espécie de “Antiga Erétria”, antes que os habitantes se realocassem para o leste. Dito desse modo simples, isso é impossível, posto que Erétria parece ter se desenvolvido no século IX, quando Lefkandi ainda prosperava. No caso de Cálcis, o sítio foi ocupado ainda no início da Idade do Bronze (no Heládico Inferior) e nunca parece ter sido abandonado (SAPOUNA-SAKERALLAKIS, 1987, p. 233-236), embora exista pouca atestação arqueológica relacionada aos primeiros séculos do período pós-palaciano. A partir do século IX, todavia, a localidade se desenvolveu e os seus habitantes, inclusive, empreenderam aventuras coloniais através da fundação de Pithekoussai, na baía de Nápoles, no início do século VIII AEC.

É possível que a decadente Lefkandi, ao fim da sua trajetória, haja se envolvido no conflito entre as suas pujantes vizinhas e, de fato, o sítio parece ter sido destruído no

último quartel do século VIII AEC, enquanto acontecia a Guerra Lelantina (SACHETT; POPHAM, 1972, p. 18-19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Lefkandi, em alguns sentidos, espelhou a do restante do mundo grego: o sítio foi ocupado pela primeira vez ainda no terceiro milênio AEC e, aos poucos, tornou-se parte do integrado mundo micênico, que mantinha relações comerciais importantes com o restante do Mediterrâneo. Quando o sistema de palácios micênicos entrou em crise, por volta do ano 1200 AEC, Lefkandi parece ter sofrido um revés, evidente na destruição de um conjunto de edifícios. O que tornou o sítio especial, todavia, foi a velocidade da recuperação. Sem demora, foram construídas novas edificações e a comunidade tornou-se ainda mais próspera do que antes, assumindo uma posição de destaque, ao menos do que diz respeito às comunidades gregas, tanto no comércio com o ocidente quanto no com o oriente, enquanto o restante da Grécia ainda tentava se reorganizar. As escavações em Lefkandi, a partir principalmente de fins da década de 1960, serviram para enriquecer o nosso entendimento sobre o que se passou no Período Pós-palaciano: o colapso não foi geral. Além disso, as evidências da recuperação do comércio durante o Período Pós-palaciano evidentes em Lefkandi se alinham bem com os entendimentos mais recentes sobre como o período não se caracterizou por uma baixa geral do nível de vida, mas por processos de “regeneração” que podem ser vistos por todo o mundo grego, embora em diferentes velocidades nas diferentes regiões (cf. RUTTER, 2020, p. 209-210). Lefkandi é o sítio mais antigo a apresentar tais características regenerativas e foi um dos primeiros do período pós-palaciano a ser devidamente escavado e estudado.

Curiosamente, a prosperidade de Lefkandi durou apenas cerca de três séculos e, quando duas comunidades próximas, Cálcis e Erétria, prosperaram, o assentamento entrou em decadência e acabou destruído em poucas gerações, no início do período arcaico. Isso torna Lefkandi um exemplo, talvez um dos mais importantes, da reorganização do mundo grego no Período Pós-palaciano. Os palácios micênicos podem ter deixado de existir, mas comunidades menores não só continuaram existindo como

até prosperaram, construindo aos poucos as estruturas sociais e econômicas que viriam a caracterizar o mundo grego no período arcaico, já grandemente interconectado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLDSTREAM, J. N. *Geometric Greece: 900-700 BC, Second Edition*. London and New York: Routledge, 2003.

DE WAELE, J. A. K. E. The Layout of the Lefkandi 'Heroon'. *The Annual of the British School at Athens*, vol. 93, 1998, p. 379-384.

DEGER-JALKOZY, Sigrid; LEMOS, Irene S. (eds.). *Ancient Greece: from the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

DICKINSON, Oliver. The Mycenaean Heritage of Early Iron Age. In: DEGER-JALKOZY, Sigrid; LEMOS, Irene S. (eds.). *Ancient Greece: from the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006, p. 115-122.

ECONOMOPOULOS, Mining Activities in Ancient Greece from the 7th to the 1st. Centuries BC. *Mining History Journal*, vol. 3, p. 109-114, 1996.

FINKELBERG, Margalit. *Greeks and Pre-Greeks: Aegean Prehistory and Greek Heroic Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

FINLEY, M. I. *Early Greece: The Bronze and Archaic Ages*. New York: W. W. Norton & Company, 1970.

FOXHALL, Lin. Cargoes of the heart's desire: the character of trade in the archaic Mediterranean world. In: FISHER, Nick; VAN WEES, Hans (eds.). *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. London: Duckworth and The Classical Press of Wales, 1998, p. 169-174.

GATES, Charles. *Ancient Cities: The archaeology of urban life in the Ancient Near East and Egypt, Greece, and Rome, Second Edition*. London and New York: Routledge, 2011.

KRAMER-HAJOS, Margaretha. The Euboean Gulf. In: MIDDLETON, Guy D. (ed.). *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to the Early Iron Age in the Aegean*. Oxford and Philadelphia: Oxbow Books, 2020, p. 77-85.

MORRIS, Ian. Circulation, Deposition and the Formation of the Greek Iron Age. *Man, New Series*, London: Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, vol. 24, no. 3, sep. 1989, p. 502-519.

OSBORNE, Robin. *Greece in the Making, 1200–479 BC, Second Edition*. Routledge, 2009.

PAPADOPOULOS, John K.; LORD SMITHSON, Evelyn; et al. The Early Iron Age: the cemeteries. *Athenian Agora*, vol. 36, p. lli-lxxiii, 1-1046, 2017.

POPHAM, M. R., CALLIGAS, P.G; SACKETT, L. H.; COULTON, J; CATLIN, H. W. Lefkandi II. The Protogeometric Building at Toumba. PART 2: The Excavation, Architecture and Finds. *The British School at Athens. Supplementary Volumes*, 1993, No. 23.

RUTTER, Jeremy B. Late palatial versus early postpalatial Mycenaean pottery (c. 1250–1150 BC): ceramic change during an episode of cultural collapse and regeneration. In: MIDDLETON, Guy D. (ed.). *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to the Early Iron Age in the Aegean*. Oxford and Philadelphia: Oxbow Books, 2020, p. 209-220.

RAAFLAUB, Kurt. A historian's headache: how to read 'Homeric' society? In: FISHER, Nick; VAN WEES, Hans (eds.). *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. London: Duckworth and The Classical Press of Wales, 1998, p. 169-174.

SACHETT, L. H.; POPHAM, M. R. Lefkandi: A Euboean Town of the Bronze Age and the Early Iron Age (2100-700 B.C.). *Archaeology*, jan 1972, vol. 25, no. 1, p. 8-19, 1972.

SAPOUNA-SAKELLARAKIS, E. New Evidence from the Early Bronze Age Cemetery at Manika, Chalkis. *The Annual of the British School at Athens*, vol. 82, p. 233-264, 1987.